

NOSFERATU: UMA PERSONAGEM ROMÂNTICA COM ELEMENTOS EXPRESSIONISTAS

Nosferatu: a romantic character with expressionism elements

Glauco BARSALINI

Faculdade de Jaguariúna

Faculdade Politécnica de Campinas

INTRODUÇÃO

Morador de uma pequena cidade alemã, Jonathan (Huter), um jovem corretor de imóveis, decide concluir um negócio com o sinistro Nosferatu, um nobre que mora em um lugar longínquo, e cuja fama é a de ser um fantasma maligno. Durante a estada do jovem burguês no castelo de Nosferatu, Nina, esposa de Jonathan, distante de seu marido, pressente o domínio total do vampiro sobre a vida de seu amado, sentindo que Nosferatu virá para sua cidade com o fim de espalhar a desgraça (a peste) sobre todos os seus habitantes. Após várias mortes humanas conseqüentes da presença do monstro no vilarejo, Nina resolve oferecer-lhe a própria vida, como sacrifício em benefício aos que ainda não morreram, inclusive e, sobretudo a Jonathan.

ANÁLISE DAS CARACTERÍSTICAS DA PERSONAGEM

A tradição literária romântica estende os seus limites para o tema “vampirismo”. Não foram poucos os romances e novelas escritos sobre esse tema. Personalidades como Lord Byron, John Polidori, James Malcolm Rymer, Mary Elizabeth Braddon e Bram Stoker romancearam o “vampiro” durante o século XIX, sendo seguidos, no século XX, por outros escritores, como F. Marion Crawford, Algernon Blachwood, Carl Jacobi, Fritz Leiber, Robert Bloch, Ramsey Campbell e Tanith Lee.

No cinema, não foi diferente. O tema que inspirou a obra de Murnau (Nosferatu, 1922) teria dado margem a uma grande seqüência fílmica, passando por “Drácula” (1931) dirigido por Tod Browning; “The Return of The Vampire” (1943) de Bela Lugosi; “Count Drácula” (1970) estrelado por

Christopher Lee e Klaus Kinski; a “Nosferatu, o Fantasma da Noite” (1979) de Werner Herzog.

Os perfis físico e psicológico do vampiro se alteraram ao longo de sua história, tanto na literatura quanto no cinema. De horrenda e agressiva figura com forma humana, a personagem foi adquirindo aspecto físico belo e comportamento refinado e sedutor. Porém, é marca imutável da figura dúbia do vampiro a presença do terror e da glória, da agonia e do controle sobre o que o cerca, enfim, da perpetuação da vida mesmo que morta, sem vida.

No cinema, a primeira obra sobre o vampiro foi Nosferatu, uma Sinfonia do Horror, realizada pelo notável cineasta alemão Murnau em 1922. O diretor baseou-se na obra de Bram Stoker (Dracula 1897), que por sua vez teria se apoiado, para a sua produção, no mito romeno de Nosferatu, o “morto vivo”. A influência do romance do literato, contudo, não colocou limites narrativos e tampouco estéticos à criatividade cinematográfica de Murnau.

Contemporâneo de uma época conturbada, principalmente na Europa, Murnau concentra importante parte de sua obra no período entre guerras. A presença da estrutura romântica, mesclada a elementos estéticos identificadores de, seguramente, variados movimentos artístico-literários (sobre o que nos falta conhecimento para elencar e discutir) da primeira metade do século XX, marcam o estilo do intelectual realizador de filmes. Há, porém, uma manifestação estética em especial que chama a atenção na obra de Murnau, e aqui nos concentramos em Nosferatu: trata-se do Expressionismo, tão presente em inúmeras obras plásticas, literárias e filmicas do período, cuja existência enquanto “movimento cultural”, porém, não ultrapassou os limites da década de 1910.

O Expressionismo carece de definição. Já Mario de Andrade lembrava a Manuel Bandeira da impossibilidade de se definir tendências de arte que, longe de serem conceitos, podem ser, no máximo, concepções. Jean-Michel Palmier, todavia, esforça-se no intento da definição, afirmando:

O Expressionismo é um movimento artístico que, a partir da pintura, vai inflamar todas as artes, quebrando as fronteiras, para fazer do material, da realidade, o simples pretexto para a exteriorização do eu. Ele se manifesta como uma reação muito violenta ao naturalismo e ao impressionismo e esboça em todas as artes uma estética nova.

Afirma em outra passagem:

Nunca o Expressionismo constituiu uma corrente estruturada, uma Escola. O Expressionismo é, antes de tudo, um clima de revolta e de desespero, uma atmosfera que se desenvolve entre a juventude alemã das grandes cidades, que vai mais tarde exaltar tanto a pintura quanto o teatro, a poesia e a literatura e depois o cinema [...] o que permanece é um furacão que agita todas as formas artísticas, um clima de utopia, de angústia, de desespero e de revolta, uma comunhão de desejos da qual partilham numerosos artistas alemães [...].

Fundamentam esse clima de revolta os acontecimentos sociais, econômicos e políticos que entremeiam os anos próximos ao decurso da I Guerra Mundial. O homem alemão, confuso no que tange à existencialidade humana ao longo do período da Guerra, e dilacerado depois da derrota, vê-se cara a cara consigo mesmo, absolutamente distante da presença acalentadora e pacificadora de Deus. Deve, portanto, como afirma Gottfried Benn, “definir-se sozinho, responder pelo seu vazio, por suas dúvidas”.

A personagem Nosferatu do filme de Murnau pode muito bem ser vista como um produto desse sentimento em que se encontra o homem alemão dos anos 20. É a encarnação do vazio, da morte viva de que é prisioneiro o ser humano desse século, estraçalhado pela experiência inigualavelmente mórbida da Guerra Mundial.

Residiriam aí verdadeiramente os fundamentos da concepção expressionista, cuja exteriorização se daria através da imagem horrenda do monstruoso Nosferatu, de nariz estupidamente grande e aduncado, olhos enormes e insistentemente esbugalhados, mãos e dedos longos em demasia, orelhas pontiagudas e um complexo torácico desproporcional ao seu andar leve, quase em passes de bailarino. O esteriótipo físico desse vampiro estampa

a falta de harmonia e linearidade de seu espírito, profundamente cindido, como que pelo corte de uma faca afiada, entre o ódio e a nobreza; a intolerância e a obrigatoriedade em aceitar a sua condição mórbida; a necessidade, mais do que desejo, incontrollável de sugar o sangue alheio e o anseio utópico (ainda que lhe reste a consciência da utopia de seu anseio) de se tornar vivo novamente.

Nosferatu é o baluarte da visão onírica, é, em si, a própria negação da realidade, é o representante supremo da angústia, da miséria e do sofrimento, enfim, do apocalipse (e, nesse ponto, traduz a expectativa romântica que gira em torno de sua figura), e, nesse sentido, expressão demoníaca do dilaceramento interior que sofre o homem europeu, e sobretudo alemão, no período pós-guerra.

Nosferatu é também um visionário, justamente por pertencer ao universo onírico e, principalmente, por dominá-lo. Siegfried Kracauer insistiria no caráter despótico dessa personagem monstruosa, colocando-a no rol dos tiranos do cinema alemão, herdeiros da Escola de tiranos que teria fundado o Dr. Caligari. O autor afirmaria:

Como Átila, Nosferatu é um “flagelo de Deus” e, apenas como tal, identificável com a pestilência. É uma figura tirânica, sedenta de sangue, chupadora de sangue, aparecendo na região onde mitos e contos de fada se encontram.

Em outra passagem, Kracauer, sugerindo que o caráter visionário dessas figuras tirânicas do cinema alemão do pós-guerra incidia justamente sobre a realidade futura política do país, que culminaria com a ascensão do regime totalitário de Adolf Hitler, escreveria:

Nesse tipo de filme, os alemães da época [...] não alimentavam ilusões quanto as possíveis consequências da tirania; ao contrário, eles privilegiavam o detalhamento de seus crimes e dos sofrimentos por ela infligidos. Estava a sua imaginação excitada pelo medo do bolchevismo? Ou evocavam estas visões apavorantes para exorcizar luxúrias que, pressentiam, eram deles mesmos e que agora ameaçavam apossar-se deles? (De qualquer modo, é uma coincidência o fato de, pouco mais de uma década mais tarde, a Alemanha nazista ter colocado em prática aquela mesma

mistura de torturas físicas e mentais que o cinema alemão então retratava).

Apesar da respeitável análise de Kracauer, privilegiemos o caráter visionário de Nosferatu como identificador do estilo expressionista que nele subjaz, e não o elemento premonitório dos acontecimentos históricos que se sucederam na sociedade alemã dos anos 30 e 40.

Nosferatu não é, todavia, a pura personificação da estética e concepção expressionista. Pilar de uma trama romântica, encarna a face horrível do mal, como contraponto à existência do bem, da heroína Nina.

Lotte H. Eisner questionaria enfaticamente, após observar nos autores românticos a tendência em situar criaturas irreais criadas por sua imaginação nos escalões institucionais e hierárquicos burgueses, fazendo confundir o real com o imaginário:

Será presunção declarar que o cinema alemão não passa de um prolongamento do romantismo, e que a técnica moderna quase não faz outra coisa senão emprestar formas visíveis às imaginações românticas?

Nessa linha, o Sérgio Augusto afirma em artigo escrito no Jornal Folha de São Paulo:

Os alemães sempre se sentiram atraídos por heróis regenerados ou destruídos pela força do sexo e do sangue. Só eles possuem palavras tão precisas para caracterizar a morte por amor ("Liebestod") e os assassinos sexuais ("Lustmoerder").

Lúcia Nagib atribui conotação semelhante ao analisar especificamente a obra de Murnau. Ela traz à luz o jogo romântico instaurado em Nosferatu.

Nina é a heroína romântica. Dotada de dons sobrenaturais, de poder visionário, é a única capaz de estabelecer relações com Nosferatu, e de compreender as suas intenções. Porém, como toda heroína romântica, expressão da pureza e do bem humano, é a presa escolhida para o sacrifício pelas forças do mal, estando fatalmente traçada a sua morte no momento em que realizar o bem.

Nosferatu, por sua vez, é a personificação do mal. É o cavaleiro do apocalipse, causador da peste e da conseqüente morte de quase toda a comunidade da pequena cidade alemã. Observa Nagib, porém, que o vampiro representa a nobreza vencida durante o período das revoluções:

Segundo o pensamento romântico, Drácula representa uma classe que morreu, mas nem por isso deixou de existir. Para além do mundo real cotidiano, existe um outro de mistérios. “Passada a ponte”, explica-nos o “Nosferatu” de Murnau, começa o reino das sombras e dos fantasmas. Estes nada mais são do que a realidade do passado, composta de uma classe de parasitas que agora precisa se alimentar do sangue da classe ascendente. Os ratos (que presumivelmente devoram os familiares mortos de Nosferatu nos caixões que ele transporta) irão espalhar a peste para dizimar a nova classe social. Assim, o conflito que se configura nada mais é do que a luta entre duas classes pelo poder [...].

O extermínio da burguesia tem uma causa fundamental, do ponto de vista romântico: essa classe social é chauvinista, mesquinha, sórdida. Seu materialismo ofusca-lhe a alma, impossibilitando-a de conhecer a realidade do sobrenatural, reino da espiritualidade e do verdadeiro bem. O castigo por sua atitude de apego à matéria virá justamente desse reino do sobrenatural, que ela tanto ironiza e despreza. A besta surgirá da escuridão desse mundo oculto para mostrar a esses burgueses a sua força, destruindo-os sem piedade, um a um, até que alguém compreenda a causa desse castigo, e coloque o seu próprio corpo e a sua própria vida como oferenda ritualística de sacrifício. Esse alguém será Nina, uma mulher virgem de coração (pois possui um “coração puro”), a única personagem capaz de compreender e dialogar com o sobrenatural, justamente por ser desprendida das coisas terrenas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma, o filme historia uma fábula, em que o extra terreno e o terreno se confundem, o monstro do inferno e os pobres mortais se encontram. A “ponte”, símbolo representante, na poética romântica, da separação entre esses dois mundos, é recorrente em Nosferatu, ora se apresentando na figura das montanhas, ora na alteração da vegetação natural, ora na forma de ponte

mesmo. Importa, aqui, ressaltarmos a defesa, talvez central, do movimento romântico: a tentativa de superação do limitado e pequeno mundo material pela incessante busca, levada às últimas conseqüências, do mundo espiritual. Nessa medida, o romantismo mistura o fantástico, o maravilhoso, a fábula à realidade, confundindo uns com os outros, colocando no mesmo “ambiente de ilusões” o real e o imaginário. O filme *Nosferatu* realiza esse exercício, historiando uma fábula sobre uma realidade ocorrida, a morte de quase toda uma comunidade de uma cidade alemã em decorrência de uma peste, no início do século XX.

Dessa forma, *Nina* de um lado, e *Nosferatu* do outro, são os pilares do romance filmográfico em tela, sendo o segundo, porém, expressão dúbia tanto da manifestação romântica quanto da expressionista, ainda que, em tese, o Expressionismo marque historicamente oposição radical aos princípios defendidos pelo Romantismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFIAS

AUGUSTO, Sérgio. “**Gozo e morte se encontram na dentada do vampiro**” *In: Caderno Mais*, 27 de dezembro de 1992, Folha de São Paulo.

EISNER, Lotte H. **A Tela Demoníaca**: as influências de Max Reinhardt e do Expressionismo. Ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1985.

GOMES, Paulo Emílio Sales. **Crítica de cinema no Suplemento Literário**. Ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro, vol. 1, 1982.

KRACAUER, Siegfried. **De Caligari a Hitler**: uma história psicológica do cinema alemão. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1988.

NAGIB, Lúcia. “**Por que jorra sangue em Coppola e Murnau**” *In: Caderno Mais*, Domingo, 27 de dezembro de 1992, Folha de São Paulo.

PALMIER, Jean-Michel. **L’Expressionnisme comme Révolte: contribution à l’étude de la vie artistique sous la République de Weimar**. Payot, Paris, tome 1, 1978.

RYAN, Alan. **The Penguin Book of Vampire Stories**. Penguin Books Ltd., New York, 1988.

FONTES

Filme: Nosferatu: uma sinfonia do horror.

Vídeos: História da Arte a partir do acervo do Masp: Neo-Classicismo e o Século XIX.

História da Arte a partir do acervo do Masp: Impressionismo e Vanguardas.